

**A LINGUAGEM DE EM DIA-DE-SEMANA NO CONTO "FAMIGERADO", DE
GUIMARÃES ROSA, E A LINGUAGEM COMUM EM WITTGENSTEIN**

Carlos Eduardo Gomes Nascimento
Graduando em Filosofia. Universidade Federal da Bahia – UFBA.
E-mail: carlos_gomes02@hotmail.com

*A significação de uma palavra é seu uso na
linguagem. (WITTGENSTEIN, 1999, §43)*

RESUMO: O presente texto tem como ponto de encontro uma vereda, isto é a possibilidade de convergir um diálogo da imagem literária no conto *Famigerado* de Guimarães Rosa, com alguns conceitos da linguagem comum na obra *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein. Rosa e Wittgenstein são pensadores contemporâneos e inovadores na pluralidade dos conteúdos discursivos, respectivamente, na Literatura e Filosofia, que trouxeram à baila novas expressões linguísticas acerca do cerne da existência humana, a linguagem. O texto, por fim, tem o objetivo de reforçar novas experiências para o importante debate, a partir da ótica da linguagem entre a Filosofia e a Literatura.

96

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem. Literatura. Ludwig Wittgenstein. Guimarães Rosa.

ABSTRACT: This paper has as a meeting point a way, it is the ability to converge a literary image dialog in the tale *Famigerado* de Guimarães Rosa, with some concepts of the common language in the book *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein. Rosa e Wittgenstein, contemporary and innovative thinkers in the plurality of discursive content, respectively, in Literature and Philosophy, bring new linguistic expressions about the core of human existence, the language. The text aims to reinforce new experiences, for the important debate, from the perspective of language between Philosophy and Literature.

Keywords: Philosophy of Language. Literature. Ludwig Wittgenstein. Guimarães Rosa.

Uma problemática filosófica surge no conto *Famigerado*, de Guimarães

Rosa, requerendo “uma opinião explicada” (ROSA, 1999, p. 14). A partir daí, acreditamos que a literatura pode dialogar com uma questão de natureza filosófica, assim sendo, teremos como guia o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, tomando sua obra póstuma *Investigações Filosóficas* (1953), na qual o filósofo desenvolveu ideias e conceitos determinantes acerca da importância e significação da linguagem enquanto chave para questionamentos filosóficos.

Nosso ponto de partida se dá com a “linguagem de em dia-de-semana” (ROSA, 1999, p.16), isto é, com a livre escolha de uma leitura da significação da palavra *famigerado*, nas veredas do sertão do conto homônimo de Guimarães Rosa, presente no livro *Primeiras Estórias* (1962), partindo de uma ideia filosófica figurativa do leitor, aqui visto como uma espécie de ajudante do escritor, que “executa a construção de um edifício” (WITTGENSTEIN, 1999, § 2º), a saber a linguagem. Assim sendo, através do conto *Famigerado* teremos o mundo edificado, em que a palavra mostra ter um significado sempre em um contexto determinado, com seu uso prático no dia-a-dia, ou seja, na “linguagem do cotidiano” (WITTGENSTEIN, 1999, § 120), como expressou Wittgenstein: “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999, §43).

Com efeito, o conto *Famigerado* gera uma espécie de entrevero linguístico, criando um singular jogo da linguagem entre o português formal do personagem do médico e do sertanejo brasileiro, caracterizado no personagem Damázio, um jagunço “valentão, avessado, *estranhão*, perverso brusco, cuja fama e com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo” (ROSA, 1999, p. 14), que atravessou o sertão da Serra, em busca da significação de uma palavra. A palavra, esta, “famigerado”, que provocou um nó, uma cisma de dúvida na cabeça do jagunço, que depois de ser assim chamado por um certo moço do Governo, não encontrava qualquer resposta para sua desconfiança, nem mesmo no dicionário, pois “por estes meios de caminho, (...) nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo - o livro que aprende as palavras” (ROSA, 1999, p.15).

Desse modo, o Jagunço vai até a casa do médico da região, o narrador do conto (quem sabe é o próprio médico, o Dr. Rosa!), que, surpreendido, tenta evitar dar mostras de temeridade, pois “o medo é a extrema ignorância em momento

muito agudo. O medo. O medo miava” (ROSA, 1999, p.14), devido a uma inesperada e intempestiva visita de um jagunço até na espuma do bofe, na soleira da porta de sua casa.

Assim como nos diz Wittgenstein, “a linguagem sempre nos coloca novos nós no pensamento” (*Apud* SALLES, 2006, pag. 125). O jagunço com seu nó no miolo por ignorar a palavra famigerado, e não acostumado à ingente tarefa de pensar, vai ao médico buscar seu *phármakon*, uma opinião explicada. Na filosofia clássica com Platão, a linguagem é um *phármakon*, um medicamento ou remédio, um instrumento útil e capaz de curar doenças, desde que a porção seja usada na dose certa, na hora certa, por alguém que possui, como o médico, a arte e ciência da cura (CHAUI, 2011, p. 234).

A significação da palavra em seu uso é um problema filosófico, o qual vem sendo explorado nas raízes da filosofia, desde Platão, no seu Diálogo intitulado *Crátilo*, onde investiga como se dá a constituição do significado da palavra, questionando, assim, se o conhecimento seria dado pela natureza ou pela convenção humana, mediante o uso da palavra na linguagem. Nesta perspectiva de que o significado da palavra é constituído por seu emprego no uso cotidiano, assinala Danilo Marcondes:

As palavras adquirem significado em seu uso no mundo das relações humanas. Este mundo de relações, entretanto, é possibilitado em grande parte pela existência de uma linguagem que é o meio eficaz de realizar esta interação. Com isto, a linguagem e realidade não se distinguem mais. Descrever o significado de uma palavra é descrever o modo como é usada, e, descrever o modo como é usada é descrever as relações sociais em que toma parte (MARCONDES, 1992, pag. 57).

No sertão, os anjos e o diabo manuseiam a linguagem com suas regras próprias, onde o personagem do jagunço, nas palavras do crítico literário Antônio Cândido, “foi transportado até à esfera onde os tipos literários passam a representar os problemas comuns da nossa humanidade, desprendendo-se do molde histórico e social que partiram” (CÂNDIDO, 2004, p. 120).

A saber, este é o caráter filosófico e plural da palavra na linguagem do sertanejo, que é a fonte de expressão poética e estética da literatura de Guimarães

Rosa, que nos revela: “não do ponto de vista filológico e sim do metafísico, no sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievski e Flaubert, porque no sertão é o terreno da eternidade” (*Apud* BRAIT, 1982, p. 45). Com efeito, quando lemos os textos literários de Guimarães Rosa estamos dialogando com a matriz filosófica e humana que é a linguagem comum, conforme Wittgenstein escreve:

quando os filósofos usam uma palavra - 'saber', 'ser', 'objeto', 'eu', 'proposição', 'nome' - e quando tratam de apreender a essência da coisa, então é preciso sempre perguntar: essa palavra é realmente usada assim, na língua em que ela se sente em casa? - Nós é que acabamos por reconduzir as palavras de seu uso metafísico a seu uso cotidiano (WITTGENSTEIN, 1999, § 116).

Ainda nesta perspectiva, segundo o filósofo italiano Giorgio Agamben, que expõe no seu livro *A Ideia de prosa*, “a ideia de linguagem como essência humana, em que só a palavra nos põe em contato com as coisas mudas, pois a natureza e os animais são desde logo prisioneiros de uma língua, falam e respondem a signos, mesmo quando se calam”; e continua, “só o homem consegue irromper, na palavra, a língua infinita da natureza e colocar-se por um instante. Diante das coisas mudas. A rosa informulada, a ideia da rosa, só existe para o homem” (AGAMBEN, 1999, pag. 112).

O artesanato linguístico e plural, criado por Guimarães Rosa, em toda sua obra, em especial no conto *Famigerado*, tem como cerne a plasticidade da origem e criação da linguagem comum, que se aproxima da filosofia investigativa de Wittgenstein, pois em ambos os discursos, seja o filosófico e literário, o corpo da linguagem é o fio condutor investigativo dos sentidos da palavra no uso cotidiano. Deste modo, escreve Anthony Kenny que “o uso da expressão destina-se simplesmente a sublinhar que as palavras não podem ser compreendidas fora do contexto em que são usadas. Ao explicar o uso de uma palavra, precisamos olhar para o papel que desempenha na nossa vida” (KENNY, 1999, pag. 461).

Nesta multiplicidade dos jogos linguísticos, nas *Investigações Filosóficas*, revela Wittgenstein que “quando falo da linguagem (palavra, frase etc.) devo falar a linguagem do cotidiano” (WITTGENSTEIN, 1999, § 120), e, por meio de alguns exemplos dos jogos de linguagem que fazem parte de uma atividade ou de uma

forma de vida, como, por exemplo “relatar um acontecimento; expor uma hipótese e prová-la; inventar uma história; ler; representar teatro; cantar uma cantiga de roda; pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar e resolver enigmas” (WITTGENSTEIN, 1999, § 23). Estes são alguns exemplos de jogos de linguagem que podem produzir uma pluralidade de mistérios e resultados com ações imprevistas na vida.

Nas veredas do sertão, qualquer passo em falso no uso da linguagem é um ato de decisão. Por outro lado, apesar da austeridade e poder físico do personagem do jagunço, este demonstra uma criatividade linguística, como um legislador das palavras – *nomoteta* –, “o mais raro dos artistas que surgem entre os homens” (PLATÃO, 1988, 389a), expressando a questão de sua identidade sertaneja, isto é, na variedade para a significação da palavra *famigerado*, assim quando ele questiona o médico: “vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgerado... familhasgerado?*” (ROSA, 1999, p. 15).

A revelação da significação da palavra *famigerado* é a questão do embate nesse jogo proposto pelo conto de Guimarães Rosa, onde é possível vislumbrar filosoficamente as regras dos jogos de linguagem propostos nas *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, entre o que o jagunço quer e deseja ouvir acerca do significado da palavra e o médico-narrador, que vai reconhecendo, aos poucos, como enunciar ao jagunço a multiplicidade dos usos do significado da palavra *famigerado*, conforme assinala o diálogo entre os dois personagens:

- *Famigerado* é inóxio, é celebre, notório, notável...
- Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É *caçoável*? É de arrenegar? *Farsância*? Nome de ofensa?
- Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...
- Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?
- *Famigerado*? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito... (ROSA, 1999, p.16).

O poder da linguagem, no conto *Famigerado*, grafa uma intriga daquilo que é próprio no uso semântico em qualquer língua, isto é, da significação da

palavra no uso da linguagem ordinária ou comum, onde se guarda uma multiplicidade de jogos linguísticos entre dois personagens tipicamente comuns do sertão brasileiro, acrescido por um embate de sensações e paixões que nos fornece uma representação factual da realidade, justamente, mediante o uso concreto da linguagem, em que só penetrando fundo neste jogo linguístico se terá a capacidade de apontar possíveis soluções e entender a dinamicidade humana no mundo.

Enfeitiçados, assim somos, pela matéria-prima humana, a linguagem, em que a pluralidade de significados presente no texto enigmático de Guimarães Rosa, abre uma perspectiva para os leitores, assim como nas personagens que se encontram envolvidos por um jogo de linguagem irresistível, na magia em “entender as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios” (ROSA, 1999, p.15). Posto que o grande sertão de Rosa se mostra por veredas da linguagem, assim como o próprio Wittgenstein nos faz lembrar, filosoficamente, que “a linguagem é um labirinto de caminhos” (WITTGENSTEIN, 1999, §203).

Neste inusitado encontro da literatura brasileira sob a ótica da Filosofia da Linguagem de Wittgenstein, em que todos: escritor, leitor e personagens, portanto, são, ao mesmo tempo, construtores, usuários e inventores deste edifício chamado linguagem, pode se estabelecer condições de possibilidade para o uso da palavra famigerado, por meio da multiplicidade dos jogos de linguagem. Com efeito, podemos sugerir a observação de alguns destes jogos, seja na metalinguagem entre o escritor e o leitor, ou na profundidade de emoções da própria estória entre os dois personagens.

Assim sendo, Guimarães Rosa nos fornece apenas pistas sobre suas intenções no uso da palavra famigerado, brincando com os leitores, como se fôssemos verdadeiramente construtores da estória, pois, até então, não sabemos aonde o narrador nos quer levar a partir da multiplicidade do uso da palavra famigerado, que no vernáculo formal tem sua acepção pejorativa, isto é, do sujeito que tem natureza de má fama, o uso empregado da palavra famigerado pelo moço do governo.

Já o embate entre os dois personagens, que é interno à própria dinâmica da vida narrativa da estória acerca da palavra famigerado, se dá por uma torrente de emoções, em que o personagem do médico, para de algum modo sair daquela

“intriga, invencionice de atribuir a palavra de ofensa àquele homem”, após malabarismos linguísticos, “agarante pra a paz das mães, mão na Escritura” (ROSA,1999, p. 16) ao jagunço, que o uso da palavra famigerado simplesmente significa: “importante”.

Com isso, surge, na multiplicidade de significado da palavra famigerado, um outro uso, que, ao final do conto, evidencia a sua natureza irônica, na fala do médico com o jagunço incauto: “eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!” (ROSA, 1999, p.17). Pois se tivesse fama de mau, não teria sido admoestado de um jeito tão inoportuno. Por outro lado, o médico acaba se tornando um famigerado e encantador do uso das palavras com sua *tese para alto rir* (ROSA, 1999, p.17).

Com efeito, o próprio Wittgenstein lança mão de esboços de paisagens, utilizados de modo constante em imagens e metáforas para o uso da linguagem no seu texto investigativo. Com isso, o dilema do significado da palavra famigerado, dentro das imagens nas veredas do sertão brasileiro, pode vir a gerar um diálogo entre estes dois pensadores da linguagem, que criaram um universo linguístico e filosófico singular, com uma nova compreensão acerca do uso estético da linguagem.

Portanto, a problemática literária-filosófica aponta para a significação da palavra observada no uso, que ocorre tanto no conto *Famigerado*, de Guimarães Rosa, que “de incerta feita - no evento”(ROSA,1999, p.14), tanto no encontro entre o jagunço e o médico, quanto na ideia de jogos de linguagem, que dá o tom conceitual da investigação filosófica de Wittgenstein, isto é, das regras de uso, dentro de uma relação dialógica humana concreta, vivida na expressão linguística nos diferentes contextos ou situações, presente na realidade de personagens do conto, ou de nós, no dia-a-dia como usuários.

A pluralidade de usos da palavra famigerado, através de jogos de linguagem possui a essência para a investigação da linguagem comum, ou seja, a linguagem do *em dia-de-semana*, nas palavras de Rosa, assim diz Wittgenstein: “o termo jogo de linguagem deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade” (WITTGENSTEIN, 1999, §23), e tal atividade leva em consideração a significação de uma palavra em seu uso na linguagem, segundo

contextos de comunicação e da necessidade humana.

No reino da linguagem criado por Guimarães Rosa, tanto o seu leitor, quanto os personagens encontram uma espécie de acordo na linguagem, que encontra consonância com o que nos diz conceitualmente Wittgenstein: “assim, pois, você diz que o acordo entre os homens decide o que é correto e o que é falso? - Correto e falso é o que os homens dizem; e na linguagem os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre opiniões, mas sobre o modo de vida” (WITTGENSTEIN, 1999 §241).

Contudo, a linguagem do encantamento no conto *Famigerado*, de Guimarães Rosa, e vivacidade conceitual de Wittgenstein, nas suas *Investigações Filosóficas* sobre os jogos de linguagem e formas de vida, constituem um modo inefavelmente humano de como representamos e agimos no mundo, onde nos encontramos com os outros no destino de nossa vereda, pois é através da linguagem que podemos inovar ou criar nossa existência.

REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Editora Cotovia, 1999.
- CÂNDIDO, Antônio. *Jaquinhos mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa*. In Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades. 2004.
- BRAIT, Beth. *Guimarães Rosa: Coleção Literatura Comentada*. São Paulo: Editora Abril. 1982.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia* (vol.1). São Paulo: Editora Cia das letras. 2011.
- KENNY, Anthony. *História Concisa da Filosofia*. Tradução de Desidério Murcho. Lisboa: Temas & Debates. 1999.
- MARCONDES, Danilo. *Filosofia, Linguagem e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- PLATÃO. *Diálogos: Teeteto e Crátilo*. Tradução de Carlo Alberto Nunes. Belém: Editora da UFPA, 1988.
- ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1999.
- SALLES, João Carlos. *O Retrato do Vermelho e outros Ensaio*. Salvador- Bahia: Quarteto Editora. 2006.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1999.